

Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

REVISTA INTERNACIONAL

LAP

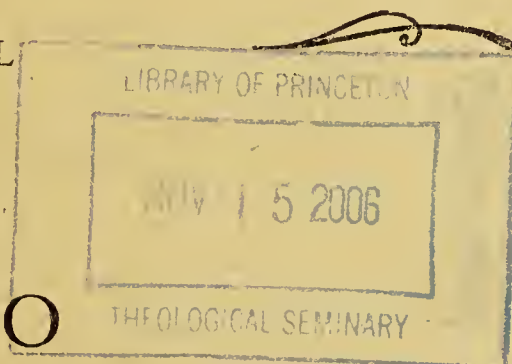
DO ESPIRITISMO

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :

CAIRBAR SCHUTEL

(De 1925 a 1938)



SUMÁRIO

Mortal e Imortal	<i>V. Cavalli</i>
Confusões Sociológicas sôbre o Mediunismo e o Espiritismo	<i>Irmão Saulo</i>
«A Psicanálise perante a Parapsicologia»	<i>Deolindo Amorim</i>
Serões Bíblicos — VI	<i>Luiz Caramaschi</i>
O Espiritismo é a Religião	<i>Noraldino de Mello Castro</i>
Autenticidade dos Evangelhos	<i>Carlos Imbassahy</i>
Comunicado da Redação	<i>A Redação</i>
Cesare Lombroso o maior criminologista dos tempos e o Espiritismo	<i>Dr. Giuseppe M. Minardi</i>
Uma Experiência Concludente	<i>Arnaldo S. Thiago</i>
A Bíblia Sagrada	<i>Philemon</i>
Crônica Estrangeira	<i>Redação</i>
Espiritismo no Brasil	<i>Redação</i>

Espiritismo e Materialismo

Acaba de sair do prelo e já se acha à venda, em 3.^a edição, desta apreciada obrinha do nosso saudoso e querido companheiro Cairbar Schutel.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 15,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

O Espirito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito, pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espirito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do Espirito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: Cr. \$ 200,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O Batismo

Avisamos os interessados que já saiu do prelo e está à venda, a 3.^a edição deste importante opúsculo da lavra do nosso companheiro Cairbar Schutel.

E' um livrinho de grande interêsse para ser manuseado por todos aquêles que desejem, de fato, conhecer o significado do batismo.

A' venda na Livraria «O Clarim» — Preço: Cr. \$ 15,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro.

Os Fatos Espíritas e as Fôrças X...

Acaba de sair do prelo êste apreciado opúsculo de autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel.

Referido livrinho, que já está na sua 3.^a edição, é indispensável a todos os estudiosos dos assuntos referentes à Doutrina Espírita.

Esta nova edição está confeccionada em bom papel, tipo graúdo, portanto, de fácil e agradável leitura.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. \$ 15,00 e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Conferências Radiofônicas
Cristianismo e Espiritismo
Na seara do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
Obras Póstumas
A Genese
O Céu e o Inferno
O Espiritismo e as Doutrinas Es-
piritualistas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo
Principiante Espírita

Vários assuntos :

Evolução Anímica
Fenômeno Espírita
A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
Um caso de Desmaterialização
Animismo e Espiritismo
Ciência Metapsíquica
Resumo da Doutrina Espírita
A Loucura sob um novo prisma
Fenômenos de «Transporte»
A Psiquiatria em face da reencar-
nação
O Espiritismo à luz da crítica
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Depois da morte
O Espiritismo à Luz dos Fatos
A Reencarnação
Como os Teólogos refutam

Romances :

Ave Cristo
Amor e Odio
Nas telas do Infinito
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
Memórias do Padre Germano
Solar de Apolo
A tragédia de Santa Maria
Marieta
Marta
A Barqueira do Júcar
O Espírito das trevas
Vítimas do Preconceito
Eleonora
Apenas uma sombra de mulher
Mireta
Redenção
Lidia
A Scañambula
O Chanceler de Ferro
Herculanum
Memórias de uma alma
A vingança do Judeu
Dor Suprema
Nas Voragens do Pecado
Romance de uma Rainha

Infantis :

Seara Infantil
Conselhos ao meu filho (contos)
Os apuros de Raimundo
Meu livrinho de Orações
Historietas do Irmão Monteiro
Os filhos do Grande Rei
Os meus deveres
História de Catarina
Mensagem do pequeno morto
História de Maricota
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabiliza pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR-REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação : Av. 28 de Agosto, n. 780 — Oficinas : Rua Rui Barbosa, 1070

MORTAL E IMORTAL

O homem teme a morte pois está convencido ser a Morte o fim da vida, de sua existência consciente, isto é, a extinção do seu *eu*, e ao mesmo tempo aspira a imortalidade, experimenta essa necessidade moral por uma espécie de instinto. Como se explica essa evidente contradição psicológica?

De um lado o seu temor é fundado, aparentemente, ao menos, porque o fato da individualidade humana termina com a morte do corpo; e não existindo em face dos sentidos parece certo que não existe de nenhum modo e sob nenhuma forma nova.

De outro lado, sua necessidade instintiva de não acabar quando morre, de sobreviver ao seu corpo, de viver sempre em sua própria essência interna, com o *sentimento de si mesmo*, não se deixa aniquilar pelo espetáculo cotidiano da destruição da vida corporal, pela evidência sensível de uma lei natural, que obriga a morrer a tudo o que nasce, visto que tudo o que teve princípio há de ter um fim...

Pois bem, como pode surgir no homem esse *instinto natural* da imortalidade, em contradição flagrante com a lei natural da morte?

Tôdas as hipóteses sofisticadas dos psicólogos materialistas para explicar esse fenômeno psicológico, aparentemente tão absurdo, não chegam a sa-

tisfazer aos mesmos que as imaginam e formulam.

É absolutamente impossível fazer surgir alguma coisa do nada; seria uma verdadeira e própria *creatio ex nihilo* esse instinto geral da imortalidade em todos os homens, em todos os tempos, em todos os lugares, e em todos os graus da civilização, da barbarie e da rusticidade, no entanto a idéia da imortalidade é repudiada pelo *fato* mesmo da morte e não é sugerida por nenhum outro fato contrário da natureza visível, a não ser que se recorra às manifestações supranormais da experiência religiosa e raras manifestações de falecidos.

Assim pois, na *consciência interna* do homem deve fazer-se ouvir um oráculo profético e divino cujo eco chega, ainda que de um modo obscuro e misterioso, à sua *consciência externa*...

Em resumo, o *espírito* do homem sabe que é imortal, porque é eterno, enquanto o *homem* dêsse *espírito* não o sabe, mas entretanto, o sente...

E o temor da morte como se explica?

Explica-se assim: *algo morre realmente com o corpo, o que nasce com o corpo e vive com o corpo*, ou seja, a personalidade física com a sua *consciência cerebral e sensitiva*.

A pessoa cai e vai-se em pedaços com o organismo plástico, e o es-

rito herda e leva consigo o resultado do trabalho feito por meio do organismo.

Por conseguinte o homem material tem razão em temer a morte; êsse terror, como qualquer instinto natural, não engana, e foi dado para preservar e conservar o corpo, que é o instrumento necessário para a tarefa evolutiva do espírito encarnado. E assim, por outro lado, também não mente êsse outro instinto natural da imortalidade, que é um atributo constituinte da *ciência transcendental* do sêr espiritual.

O fruto maduro cai, a planta permanece de pé; o homem é mortal, seu espírito é imortal.

Dêsse modo, a contradição psicológica, não é mais que aparente, desaparece à luz da lógica e o mistério se ilumina com a luz meridiana: *Mors Janua Vitæ*.

Por isso, no sonambulismo magnético se descobre a consciência superior do indivíduo transcendental, o *espírito*; observa-se o surpreendente espetáculo de que o mesmo se sinta atraído a *outra parte*, isto é, ao mundo supra-sensível, e deseje até submergir-se como em seu elemento natural de vida. Fala de seu corpo com visível desprezo, da pessoa terrena do *homem*, em terceira pessoa, como se fosse *outra* e ainda a menor é a inferior parte de si mesmo; descobre seus vícios e seus defeitos, e os censura; não quer ocupar-se daquilo que tanto ocupa e preocupa o seu *eu* sensitivo, sua consciência cerebral, seus *interesses* materiais, e muito menos sua própria saúde física. Como é isto?

É que a orientação já mudou no umbral do outro mundo, e que o *espírito* do homem é muito melhor e vale mais que o homem, e vê e sente que a morte é a *liberdade*.

O contrário deve suceder, por lógica necessidade, quando o espírito desencarnado se comunica conosco; volve a penetrar no nosso mundo e a ser, em grande parte, o homem de antes.

Por isso Du Prel ensinava, e com razão, que para ter uma noção menos inexata da outra vida, é necessário estudar o sonambulismo ao mesmo tempo que o Espiritismo; entretanto, em resumo, não se obterá mais que o conhecimento de um estado intermediário anormal e precário, no do verdadeiramente normal e permanente.

Se se tivesse presente esta grande verdade expressa por Júvenal em seu magnífico exâmetro:

*«Nunquam aliud Natura,
aliud sapiencia dixit»*

nossos juizes se aproximariam mais de verdade; mas, ao contrário de assim ser, divergem tanto dela porque substituíram os fatos por preconceitos sistemáticos ou escolásticos.

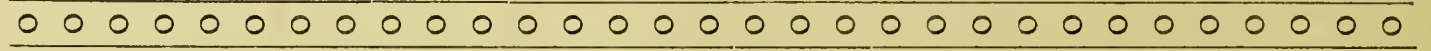
E semelhante substituição conduz à ignorância voluntária daquilo que mais interessa ao homem conhecer, para não descer ao nível do bruto e chegar a ser *sicut equus et mulus, quibus, non est intellectus*.

Nem mente o temor à morte nem mente a esperança de morrer. Morre a forma consciente anexa e conexas do corpo, ficando dela tão somente uma reminiscência arquivada com aquela outra forma superior que sobrevive, por que preexiste ao corpo, sua feitura e meio instrumental necessário à existência física.

Assim apresentado, o problema se resolve fácil, clara e satisfatoriamente. A contradição só existe na aparência.

A natureza é lógica sempre em tudo; é a lógica em ação.

V. Cavalli



Chegamos mais facilmente a Deus pelo sentimento de que pela inteligência.

Um coração amante, caridoso e altruista está incomparavelmente mais próximo de Deus do que o sábio mais brilhante e egoista.

* * *

O Mal é uma sombra efêmera e tran-

sitoria, tecida de negrura e de ignorância. Mas o sol radiante, emanado dos Evangelhos de Jesus Cristo, dissipará as trevas e iluminará o entendimento dos pecadores arrependidos, ansiosos pela reparação dos crimes cometidos: — eis a Redenção e a Salvação das almas.

Dr. António J Freire.

Confusões Sociológicas sôbre o Mediunismo e o Espiritismo

Horizonte tribal e mediunismo primitivo — Fenomenologia e doutrina — Origem das religiões

As ciências sociais têm uma grande contribuição a dar ao estudo do Espiritismo. Quem viu isso com mais clareza, segundo nos parece, foi Ernesto Bozzano. O grande discípulo italiano de Herbert Spencer, profundamente ligado ao desenvolvimento dos estudos sociológicos uma vez atraído para o campo dos estudos espíritas, soube aplicar a êste o conhecimento adquirido em outros campos. Seus trabalhos sôbre as manifestações supranormais entre os povos selvagens, publicados na revista milanêsa «Luce e Ombra», em 1926, posteriormente reunidos no livro «Popoli Primitivi e Manifestazioni Supernormali», representam uma das mais poderosas contribuições para o esclarecimento histórico do problema espírita.

Kardec já havia esclarecido que os fatos espíritas são de todos os tempos, uma vez que a mediunidade é uma condição natural da espécie humana. Mas é com Bozzano que temos a primeira penetração espírita no exame antropológico e sociológico do homem primitivo, revelando-nos, com base em investigações científicas, as formas pré-históricas do fenômeno mediúnic. Aliás, os estudos de Bozzano levam-nos mais longe, pois revelam também as origens mediúnicas da religião. Temos assim uma teoria espírita da gênese da crença na sobrevivência, que se apresenta como uma síntese das teorias opostas da teologia e da sociologia.

Para maior clareza do nosso estudo, servimo-nos do esquema que nos fornece o chamado «método cultural», dos antropólogos ingleses, aplicado por John Murphy, com pleno êxito, em seus estudos sôbre as origens e a história das religiões. Método usado na antropologia cultural e no estudo das religiões comparadas, aplica-se perfeitamente às necessidades de clareza do nosso estudo. Seu esquema é constituído pelos «horizontes culturais», dentro dos quais o desenvolvimento humano pode ser analisado na amplitude de cada uma das suas fases. É evidente que não vemos

muito além do esquema. Nosso intuito não é o estudo antropológico, nem o das religiões comparadas, mas apenas o esclarecimento do problema espírita.

Os «horizontes culturais» são os meios em que se desenvolveram as diferentes fases da evolução humana. A expressão é metafórica. Chama-se, por exemplo, «horizonte primitivo», o mundo do homem primitivo. A palavra «horizonte» mostra que devemos encarar êsse homem dentro dos limites da nossa visão, de tôdas as condições do meio físico e social em que êle vivia, na paisagem cultural fechada pelos horizontes do mundo primitivo. Podemos assim examinar cada fase em seu meio, cada homem em seu mundo, compreendendo-os melhor. O estudo de Bozzano, embora anterior a êsse método, integra-se nêle.

O «horizonte primitivo» é geralmente dividido em três formas: o primitivo pròpriamente dito, o nímico e o agrícola. Em nosso esquema reduzimos as duas primeiras formas a uma única: o «horizonte tribal», que nos permite abranger numa visão geral o problema mediúnic do homem primitivo, e destacamos a terceira forma, dando-lhe autonomia. Isso porque o «horizonte agrícola» tem interêsse especial no tocante à mediunidade. Assim, nosso esquema da fase pré-histórica do Espiritismo é o seguinte: horizontes tribal, agrícola civilizado, profético e espiritual. Até o «horizonte profético», seguimos Murphy. O «horizonte espiritual» é uma formulação nova, exigida pelo Espiritismo.

O horizonte tribal caracteriza-se pelo mediunismo primitivo. Adotamos a palavra «mediunismo», criada por Emmanuel para designar a mediunidade em sua expressão natural, pois é evidente que ela corresponde com precisão ao nosso objetivo. Mediunismo são as práticas empíricas da mediunidade. Dessa maneira, temos as formas sucessivas do mediunismo primitivo, do mediunismo oracular e do mediunismo bíblico,

ainda se ressentem muito da falta de objetividade e clareza.

Fala-se muito no inconsciente, diz-se tanta coisa dêsse poder oculto, que está dentro de nós, dá-se ao inconsciente um campo de influência a bem dizer onímoda, mas a verdade é que ainda não se definiu, em termos certos, o que vem a ser o inconsciente, nem tampouco se disse, com precisão, onde êle está situado. As definições encontradas em Psicologia às pecam pela superficialidade, quando não preferem flutuar nas idéias laterais, sem descer ao âmago do assunto. É o velho círculo vicioso de se falar muito de uma coisa sem dizer o que é e onde está a coisa... A conceituação psicanalítica, por sua vez, também não satisfaz, porque, além da complexidade, que já é uma forma de obscurecer o caminho do entendimento e fugir às explicações convincentes, não vai à parte essencial da personalidade, porque não leva em consideração o acervo de noções, tendências e experiências trazidas pelo espírito no curso da reencarnação. Não é possível explicar todo o mecanismo da vida psíquica, com as suas reações e seus comportamentos específicos, sem atinar com o elemento espiritual, considerado em suas relações com o passado. A noção de inconsciente, nos termos em que tem sido posta, ainda não é suficiente para nos dar uma idéia clara da correspondência entre a memória e o cérebro. Impõe-se, portanto, a reformulação do problema, partindo de outras premissas. Cabe ao Espiritismo, neste particular, queiram ou não queiram psicólogos e psicanalistas, um papel muito importante, porque dispõe de subsídios muito mais consentâneos com a natureza humana, em seu sentido global e, não, apenas, sob o ponto de vista de um único elemento. Há, realmente, uma relação entre a memória e o cérebro, mas é tão somente uma relação *instrumental*, não é *causal*: o cérebro é o instrumento, não é a causa da memória. As células cerebrais, por força de uma lei fisiológica, estão sujeitas a renovação e substituição. Se, por conseguinte, tudo se renova no organismo, se as células cedem lugar a outras células, uma vez encerrado o necessário ciclo de permanência, onde fica a estrutura psíquica do ser humano? Que resta, então, do *inconsciente*, depois do processo inevitável de desgaste e reparação?

Biologicamente, o homem de hoje, por exemplo, comparado ao que era há vinte anos, já não é mais o mesmo homem, porque sofreu tôdas as modificações periódicas, cabe, neste caso, perguntar: e em que parte, em que zona do psiquismo se hão de fixar as imagens e lembranças? No inconsciente, responderão os psicanalistas. Sim, mas onde está o inconsciente? Qual o seu campo de ação? Até onde chegam as suas fronteiras na organização psíquica? Como se define, afinal, o inconsciente? É, pelo que se diz, um plano do psiquismo no qual se ocultam desejos, recalques, ambições etc. Segue-se, daí, que o nosso psiquismo tem uma zona lúcida (memória consciente ou atual), onde se gravam os atos contemporâneos e as impressões do mundo exterior, mas existe, também, uma zona obscura ou desconhecida, que é o *inconsciente*, onde se esconde planos frustrados, desejos reprimidos, imagens remotas e uma série de episódios supostamente perdidos no curso dos tempos. O inconsciente não fica inativo, está sempre em ação. É uma espécie de leão, que se oculta, mas aparece rugindo, quando menos se espera. Há como que uma dinâmica do inconsciente, exteriorizando os recalques e as frustrações através dos sonhos e atos inesperados. Isto quer dizer, conseqüentemente, que existe, no recanto mais profundo de nosso psiquismo, um reservatório ou depósito imenso de idéias, desejos, imagens, lembranças e tendências, não reveladas em estado normal, mas sujeitas a eclosões momentâneas, em determinados psíquicos. De que modo, porém, se conservam êsses «resíduos» no inconsciente? Como se localizam essas imagens arquivadas na «região recôndita» do psiquismo? É neste ponto que está, exatamente, o aspecto mais difícil da discussão. Nenhuma das escolas em luta conseguiu oferecer, até hoje, uma fórmula cabalmente satisfatória. Nem mesmo Jung, que fez estudos de ocultismo e observou certos fenômenos psíquicos menos comuns, inclusive de «percepção extra-sensorial», hoje tão em voga na literatura da Parapsicologia, nem mesmo Jung — repetimos — trouxe uma contribuição completamente elucidativa, quanto à posição real do inconsciente no quadro do psiquismo humano. Tudo quanto se tem apresentado, neste ramo da investigação psíqui-

ca, ainda é apenas tentativa. Solução definitiva, ainda não. Se é certo que, por um lado, não podemos admitir uma noção de *inconsciente* em base puramente orgânica, pois não é possível dar uma localização física a êsse «reservatório» psíquico, tão rico de idéias e desejos recalçados, não é menos certo, por outro lado, que a conservação ou fixação de idéias e imagens se torna inadmissível sem o elemento espiritual, justamente por causa da própria renovação somática.

Se quisermos ficar no plano exclusivamente material, não encontraremos explicação para o inconsciente nem saída para as hipóteses da Psicanálise. No entanto, o *Eu* permanece, não perde a consciência de si mesmo, porque a integridade individual não se destroi. Então, forçoso é reconhecer, por decorrência lógica, que a vida psíquica não é uma função do cérebro, embora tenha, com êle, uma relação imediata. Já se vê que a concepção de um *inconsciente* esquematizado em termos de fisiologia, sem considerar o primado do espírito, é uma pretensão indefensável, ainda que certas teorias não queiram cair no materialismo. É uma contingência do sistema em que tais teorias são elaboradas. Justamente por isso é que nos referimos, ainda há pouco, à possível reformulação do problema, já agora à luz do Espiritismo, tomando como componente indispensável a função fisiológica do *perispírito*, que a maioria dos fisiologistas ainda desconhece, e também o esquecimento do passado em face da reencarnação (1). São duas contribuições fundamentais ao esclarecimento do problema :

em primeiro lugar, é necessário compreender a ação do *perispírito* na recuperação da síntese orgânica psíquica, em consequência das modificações celulares, pois o nosso próprio *Eu* ficaria desagregado ou perderia a consistência, se dependesse exclusivamente do organismo ;

em segundo lugar, não se pode compreender a conservação de

conhecimentos, experiências vividas e propensões individuais, a despeito de tôdas as modificações somáticas, sem a idéia de uma sequência entre o passado e presente, através da reencarnação.

É assim que o Espiritismo encara o problema, com outra visão da vida psíquica. Já neste ponto se pode avaliar a importância e oportunidade do livro de Carlos Imbassahy, porque é um livro em que se define claramente a posição do Espiritismo, mostrando que as teses espíritas não estão nem poderiam estar superadas pela Psicanálise. De um modo geral, tanto os psicanalistas como os fisiologistas, ainda não tomaram conhecimento das propriedades do *perispírito*, cuja existência, para alguns dêles, parece, até, uma fantasia ou, quando muito, uma hipótese bastante vaga. É certo que Claude Bernard, um dos maiores fisiologistas de seu tempo, ainda hoje citado, notadamente em medicina experimental, admitiu e justificou a necessidade do *perispírito* no quadro da fisiologia, mas a verdade é que a chamada «ciência acadêmica» ainda se mantém à margem do assunto. No entanto, o *perispírito* é um elemento que pode facilitar a elucidação de muitos problemas de ordem biológica e psíquica, inclusive no que diz respeito ao *inconsciente*, de que tanto falam psicólogos e psicanalistas. Convém recordar que uma das maiores dificuldades de Descartes, para explicar as relações da alma com o corpo, pois o autor do famoso *Discurso sobre o método* não queria ser apontado como materialista, o que era perigoso para êle, foi justamente a falta de compreensão exata do *mediador plástico* dentro de seu sistema. Outros filósofos, teimando em não admitir êsse corpo intermediário, esbarraram e continuam esbarrando no mesmo obstáculo : como explicar o dualismo *corpo-alma* (elementos de natureza diferente) interagindo um sobre o outro, sem um elemento intermediário ? Descartes pretendeu levantar a ponta do véu, mas não teve meios para resolver o problema. Posteriormente, porém, vieram novas idéias e, hoje, com base na experiência, já se pode reconhecer que o *perispírito* representa um papel de real significação nos três ângulos dentro dos quais se considera o composto

(1) — Livro dos Espíritos, questão 393. O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. V. n.º 11.

humano: o biológico, o fisiológico e o psíquico.

Claude Bernard, que se ateve exclusivamente ao campo fisiológico, chegou a indicar a existência de um *deseenho prévio*, antes da formação do corpo físico, sob a ação de uma *idéia diretiva*. Que vem a ser esse *deseenho prévio*, de Claude Bernard, senão o modelo fluídico traçado no perispírito? Os contornos do corpo — diz o fisiologista — são antes *simples lineamentos, a começarem pelos aprestos orgânicos provisórios que hão de servir ao feto de aparelhos temporários. Nenhum tecido ainda se distingue. Tôda a massa apenas se constitui de células plasmáticas e embrionárias. Entretanto, nesse bosquejo está traçado o «deseenho prévio» de um organismo ainda invisível, e que tem assinado a cada partícula e a cada elemento o seu lugar, a sua estrutura e as suas atribuições*. Mais adiante, para completar o pensamento, afirma o seguinte: *E' sempre o mesmo princípio de conservação do sêr, que lhe reconstitui as partes vivas, desorganizadas pelo exercício, por acidentes ou enfermidades.* (2) Duas funções do perispírito são denunciadas no trecho do fisiologista francês: *conservação e reconstituição*. Gabriel Delanne, que se utilizou muito das opiniões de Claude Bernard, expende idéias próprias, e de um modo ainda mais explícito, quando diz: *Durante a vida, o conhecimento do perispírito faz-nos compreender: 1.º — a conservação do tipo individual, apesar do renascimento incessante de tôdas as moléculas carnis; 2.º — a reparação das partes lesadas; 3.º a continuidade das*

(2) — Cf. Gabriel Delane — A Evolução Anímica (Trad. de M. Quintão, ed. da Federação Espírita Brasileira). A concepção de Claude Bernard está em harmonia com a doutrina espírita, embora os termos sejam diferentes. (O Livro dos Espíritos), questão n.º 93; A Gênese, cap. XIV, n.º 9). Em Missionários da Luz (obra mediúunica, recebida por F. C. Xavier e publicada pela FEB). André Luiz também se refere à organização perispiritual, apresentando idéia muito semelhante à do «deseenho prévio» ou modelo fluídico».

funções vitais, num meio sem cessar em via de renovação. (3)

Na mesma linha de pensamento, e com o mesmo espírito de objetividade, Gustavo Geley encarece a influência do perispírito na personalidade, fazendo as seguintes afirmações:

«O perispírito assegura a conservação da individualidade, fixa os progressos já realizados e sintetiza o estado de adiantamento do sêr. Serve de molécula, de substrato orgânico para as novas encarnações. Condensando-se no embrião, agrupa em certa ordem as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito, o resultado da fecundação seria um temor.»

«O perispírito assegura também, na mesma ordem, a manutenção do corpo e suas reparações, durante a perpétua renovação das células (sabe-se que o corpo se transforma por completo no espaço de alguns meses). Sem a força do perispírito, a personalidade do sêr variaria constantemente em cada mudança.» (4)

Duas afirmações, principalmente, devem ser muito bem sublinhadas nas declarações de Geley: a primeira é a de que o *perispírito assegura a conservação da individualidade*; a segunda é a que consiste na afirmação de que assegura também a *manutenção do corpo e as suas reparações*. Vê-se, por aí, quanto é importante, senão indispensável, levar

(3) — Gabriel Delanne — A Reencarnação, cap. XIII. Trad. Carlos Imbassahy, edição da Federação Espírita Brasileira.

(4) — Gustavo Geley — Resumo da Doutrina Espírita. Trad. de Isidoro Duarte Santos, edição «Estudos Psíquicos Editôra», Portugal. E' bom recordar que Geley era médico e, além de tudo, um homem que tinha a «paixão de investigação científica», no dizer de Richet. Daí, o seu grande interêsse em estudar o perispírito do ponto de vista fisiológico.

em consideração o papél do perispírito nas relações físico-psíquicas. O *inconsciente* dos psicanalistas jamais poderia explicar a conservação das idéias e imagens sem a visão retrospectiva da memória, independentemente das alterações celulares. A memória, por sua vez, necessita de um suporte, de um arcabouço que possa suprir as brechas do organismo. E' o perispírito que desempenha essa função na economia do organismo. Dí-lo muito bem Gustavo Geley, e com raciocínio científico, tanto quanto já o dissera Claude Bernard, seguido por Delanne, todos em harmonia de vistas. Geley ainda vai mais longe, quando, estudando longamente o problema do *inconsciente*, diz que, acima da memória cerebral, que é «parcial e efêmera», existe «a memória da individualidade verdadeira e total». Nesta memória — afirma êle — *é que ficam os acontecimentos da vida atual e tôdas as lembranças, tôdas as aquisições conscientes da imensa série de vidas anteriores.* (5) A idéia de «resíduos» do passado reclama forçosamente a idéia de «vidas sucessivas». Sem a reencarnação, portanto, a ação do inconsciente não forma sentido. A Psicanálise quer, no entanto, resolver uma série de problemas inerentes ao passado da alma humana sem chegar à tese reencarnacionista, como se a simples idealização de um inconsciente sem raízes na vida espiritual pudesse trazer a chave de tôdas as dúvidas. E' aqui, onde, mais uma vez, se faz sentir a oportunidade da interferência de Carlos Imbassahy, com a sua vasta cultura e a firmeza de seus argumentos, demonstrando a insuficiência das interpretações que, desprovidas de lentes mais amplas, pretendem sondar os escaninhos da personalidade sem admitir a reencarnação. Diz muito bem Carlos Imbassahy: *De fato, em tôda essa construção freudiana o que se nota é o arbítrio da interpretação. Os processos de convencer são inteiramente subjetivos; o que se extrai do Inconsciente fica ao sabor de quem investiga. Apanha-se o que se quer, e como se quer, e é essa escolha caprichosa, obra do acaso ou de*

idéias preconcebidas, que se dá o nome de «observação» e «experimentação». (6) Os critérios unilaterais, em qualquer domínio do conhecimento ou da observação, sempre foram prejudiciais à compreensão do conjunto. E' o que se dá, frequentemente, com algumas teorias fundadas sôbre a Psicanálise.

O homem sofre, realmente, a influência de uma série de fatores internos e externos, e tais fatores não podem deixar de ter muita repercussão em seus comportamentos, nem a doutrina espírita desconhece êste aspecto do problema. Disfunções glandulares, anomalias orgânicas, assim como certas tradições ou idéias predominantes no grupo em que vive, podem levar o indivíduo a procedimentos anormais ou, pelo menos, destoantes dos padrões gerais; é preciso notar, contudo, que certas predisposições ou reações estão vinculadas a existências anteriores, não podem ser fruto exclusivo de uma glândula ou de uma secreção. O fator fisiológico influi, e ninguém o nega, mas influi em razão do estado em que se acha o espírito reencarnado. Evidentemente, as inclinações viciosas, bem como os impulsos agressivos ou criminosos encontram condições adequadas em determinadas constituições somáticas ou no mau funcionamento de um órgão, principalmente daquêles que mais incidem sôbre a atividade psíquica. Todavia, não é o órgão que faz o indivíduo ser mau ou vir a ser virtuoso, pois o órgão é sempre um instrumento. Se assim não fôsse, pouco adiantaria o esforço, a luta interior para ser melhor. Daí, e com muita lógica, a doutrina espírita não aceitar, em têrmos absolutos ou definitivos, o velho adágio de que a *carne é fraca*. Não é a carne que comanda as decisões, é o espírito. Evidentemente, certas constituições físicas são mais predispostas a determinados comportamentos, mas é preciso ver, ainda assim, que a causa de tais predisposições não está nesta ou naquela glândula, nesta ou naquela parte do corpo, está no espírito. Na medida em que o espírito se adianta, em conhecimento e em moral (7), vai adquirindo con-

(5) — Gustavo Geley — Del Inconsciente al Consciente. Ed. «Constância», Argentina.

(6) — A Psicanálise perante a Parapsicologia, pág. 30.

(7) — Livro dos Espíritos, questão 192.

dições para se sobrepor aos instintos mais grosseiros, sem ser necessário cair no ascetismo ou querer fugir à vida normal. Tudo é gradativo, de acôrdo com o progresso do espírito. Se resolvermos admitir a predominância absoluta do corpo sôbre o espírito, porque a carne é *fraca*, chegaremos fatalmente ao determinismo em sua forma primária e, a esta altura, não haverá mais livre arbítrio e, portanto, não haverá também responsabilidade moral: cada qual faz o que quizer, porque a carne é soberana... E a vontade, e o senso critico, e a influência moral? De que serviria então o conhecimento espiritual, se é a matéria que determina tudo? Não é isto absolutamente, o que ensina o Espiritismo. Colocando, sempre, uma linha de equilíbrio entre as relações corpo-alma, procurando evitar o perigo do exagêro, para um lado ou para o outro, a doutrina espírita formula, aqui, um problema científico, e muito bem situado, embora o faça em linguagem simples, para não incorrer na inconveniência da terminologia rebarbativa:

«Segundo a idéia falsíssima de que ninguém pode reformar a sua natureza, o homem se crê dispensado de reunir esforços para corrigir-se das faltas em que se compraz voluntariamente, e que exigem muita perseverança para serem vencidas. Sem dúvida — veja-se êste ponto — existem temperamentos que se prestam mais que outros aos atos violentos...» mas também é certo — diz a doutrina — que «o corpo não fornece

côlera àquele que a não tem, assim como não contribui para outros vícios. Tôdas as virtudes e vícios são inerentes ao espírito». (8)

Há quem diga, e já ouvimos isto várias vêzes, que «O Evangelho segundo o Espiritismo» nada tem que ver com a Ciência. No entanto, aqui mesmo, neste pequeno trecho, já se configura um problema de natureza científica, conquanto seja, também, de interêsse moral e filosófico: a influência do corpo sôbre a alma e vice-versa... Êste problema, que pode parecer muito simples ou trivial, é de uma complexidade muito maior do que se pensa, porque diz respeito, ao mesmo tempo, tanto à Psicologia, como à Psicanálise e à Endocrinologia. E diga-se que não há ciência nos ensinamentos evangélicos à luz do Espiritismo... A doutrina espírita vai também à seara da Psicanálise, não por subordinação doutrinária, mas por incidência, levando esclarecimentos capazes de modificar posições irreduzíveis e alargando a compreensão de certos problemas. E' o que faz o livro de Carlos Imbassahy, em boa hora lançado. Imbassahy não fica, porém, no campo restrito da Psicanálise, entra, também, com a sua crítica percuciente e vigorosa, no domínio da Parapsicologia, para demonstrar, mais uma vez, a atualidade do Espiritismo. Veremos êste aspecto no próximo artigo.

Deolindo Amorim

(8) — *Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. IX, n.º 20.



Os vossos defeitos morais e espirituais, embora pequenos, muitas vêzes se sobrepõem à vossa fé, justamente porque a vossa fé ainda não atingiu o tamanho de um grão de mostarda. Isso não teria razão de ser se efetivamente colocasseis o Evangelho acima de tudo quanto não se enquadra no Espírito do Cristianismo. Lembrai-vos de que muito será pedido a quem muito fôr confiado, tanto mais que no trabalho espiritual tôda palha deve ser queimada no fogo renovador das virtudes ativas, se quereis vos tornar dignos de Jesus.

Serões Bíblicos - VI

Redator: LUIZ CARAMASCHI

(Conclusão do Capítulo VI)

Quem era a espôsa de Caim ?

— Correram-se os milênios; a humanidade capelina cresceu; e como acontece com a humanidade terrestre dos nossos dias, os mestres do sentimento (Eva) foram postos de lado. O fastígio gerou o ócio. E o demônio começou a suggestionar a mulher, arrastando sua mente vagabunda para todos os deleites da matéria. E como a mulher é a suprema inspiradora do homem, esta o levou ao mau uso da inteligência, não só produzindo comodidades, como, também, o luxo. Assim foi que nasceram o orgulho, a ganância, a ambição, o despotismo, os imperialismos, as guerras fratricidas, o caos, e, finalmente, a seleção de valores e a expulsão dos piores para orbes inferiores. Agora, então, é que vai ter início o juízo final no orbe da Capela.

Chilon — «E êle (Adão) disse: Ouvi a tua voz soar no jardim, e temi, porque estava nu, e escondi-me» (Gên. 3, 10).

Árago — Ouvi a voz tua falar pela bôca dos mestres, dos mentores, dos profetas, e temi, porque estava nu de boas obras, pelo uso egoístico que fiz da minha inteligência.

Chilon — «E Deus disse: Quem te mostrou que estavas nu? Comeste, tu da árvore que te ordenei não comesses ?

Árago — Sim, abusei das fôrças da inteligência, da razão, seguindo a sugestão da minha contra-metade — a mulher ...

Chilon — «E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua conceição; com dores terás filhos, e o teu desejo será para o teu marido, e êle te dominará» (Gên. 3, 16).

Árago — Isto quer dizer: não serás tu, ó mulher, a folgazona dêste jardim capelino, mas serás arremessada a orbes inferiores com aquêle ao qual inspiraste ao mau uso da razão. E êle te dominará, e tu o servirás!

Chilon — «E a Adão disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que ordenei, dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida. Espinhos, e cardos também, te produzirá, e comerás a erva do campo. No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que te tornes à terra; etc.» (Gên. 3, 17 a 19).

Árago — Isto é o complemento da parte que coube à mulher, que foi a causa motora da perdição e morte do homem.

Chilon — «E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto ela era a mãe de todos os viventes» (Gên. 3, 20).

Árago — Se até agora temos visto que Adão é povo, composto, portanto, de homens e mulheres, que se deve entender por *mulher de um povo*? Que quer dizer *mulher da humanidade*? Esta Eva é mãe de todos os viventes? Logo é mãe do mesmo Adão, pois êste é vivente?...

— Se Eva, como diz Vieira (Sermões, 13, 234 — Ed. das Américas) «quer dizer vida», ou «mãe de todos os viventes», como lhe chama o texto, segue-se que ela não foi a que fêz perder-se Adão. Pelo contrário ela será a sua salvadora, por representar a leva de guias espirituais que se quiseram desterrar, por amor, com Adão, para a Terra. Eis porque Eva é «mãe de todos os viventes», visto como, sem ela, que representa o princípio do amor, seria impossível a vida; ela é «adjutora», para que estivesse como que «diante do homem» a conduzi-lo. Em cposição a isto, a mulher, inspiradora do mal, causadora da queda e da morte, será escrava, terá filhos com dores, etc. Não é isto?

Chilon — Aqui está o busílis... porque o texto diz muito claramente: «E chamou Adão o nome de sua mulher, Eva; porquanto ela era a mãe de todos os viventes». Nada pois de escapatórias, prezado Árago. Deixai-me go-

O Espiritismo é a Religião

I — Sua Conceituação Filosófica e Kardequiana

Introito — O que é Religião — A RELIGIÃO e o ESPIRITISMO — O que é FILOSOFIA — O PROBLEMA DE DEUS — O PROBLEMA DA ALMA — O PROBLEMA DA VIDA FUTURA — Os fundamentos da RELIGIÃO ESPÍRITA — A RAZÃO — A VERDADE EVANGÉLICA — A RELIGIÃO EDIFICADA — ALLAN KARDEC E O CONCEITO DE RELIGIÃO — O CULTO ESPÍRITA — O OBJETIVO ESPÍRITA — ESPIRITISMO, APENAS CIÊNCIA E FILOSOFIA? — A RELIGIÃO NA CODIFICAÇÃO DE KARDEC — RELIGIÃO E FILOSOFIA NO CONCEITO DE FARIAS BRITO — GRANDE ESPERANÇA — GRANDE REALIDADE.

«Fé inabalável é sòmente aquela que pode encarar a razão face a face em tôdas as épocas da humanidade.» — KARDEC

Introito

I — Em 1939, quando no Rio de Janeiro, a então Liga Espírita do Distrito Federal, oportunamente, realizou o 1.º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, ali comparecemos em face de nímio convite.

Levamos um trabalho impresso, como nossa contribuição, intitulado o «ESPIRITISMO É A RELIGIÃO». Aprovado, foi êle distribuído, no Brasil, por intermédio da Livraria da respeitável FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Constitue, hoje, para gáudio nosso, preciosidade da literatura espírita.

II — Há diferença profunda entre o ser «A» religião e o ser «uma» religião.

O Espiritismo e, sem dúvida, «a doutrina que maiores pontos de contacto tem com os Evangelhos. Se religião é religar o homem ao Criador, como a própria Igreja ensina, outra coisa não faz a doutrina codificada por ALLAN KARDEC, sob êste aspecto. Em o nosso livro provamos ser o Espiritismo a religião, em face dos Evangelhos, estabelecendo um paralelo entre o que ensina a doutrina espírita e o que ensinaram Jesus e seus mais destacados emissários» (1).

E' intuitivo que o trabalho se cingiu a um estudo comparado dos princípios e postulados espíritas com as obras e os atos praticados por Jesus

Cristo. Não teve, no entretando, a amplitude de compará-lo com outras grandes religiões, que norteiam e adargam milhões de criaturas. Essa tarefa coube ao admirável CARLOS IMBASSAHY, no seu precioso livro — RELIGIÃO — no capítulo «O Espiritismo entre as Religiões».

Pretendemos, agora, estudar o mesmo tema, mas em face da Codificação Kardeciana e da própria Filosofia.

O que é religião

Sentimos que o Espiritismo é a Religião porque, na Terra, é a única que mais repete e exemplifica os atos e as obras do Grande Rabi: ensina, exorta, cura, predica, infunde confiança e dá certeza da vida futura.

Não ficamos isolados no ponto de vista esposado:

Nenhuma outra doutrina, conseqüentemente, lhe pode disputar a qualidade de religião. Tão predominantemente é nêle (o Espiritismo) essa qualidade, que não há tê-lo por UMA religião, mas como A religião, no mais lato sentido do vocábulo». (2).

Mas o que é religião?

Poeticamente, «religião» é o suspiro do homem cuja resposta vem do Céu e não da Terra.» (3)

Definem os léxicos:

«E' conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus.» «Doutrina ou sistema de princípios

que regulam a subordinação da criatura ao Criador.»

No tocante à etimologia, ainda registram os dicionários:

— RELIGARE — estar ligado, unir, atar;

— RELÍGIO — dúvida, escrúpulo e, mais tarde cerimônia de culto;

— RELEGERE — escolher cuidadosamente.

E esclarecem ainda os dicionários:

«Em tôdas as eras o homem sofreu a influência do *sobrenatural*; a ordem e as fôrças da natureza; a fraqueza do homem e de sua razão; a presença contínua de interrogações sobre o destino, na alma até dos mais simples, o MISTÉRIO, a LENDA, a TRADIÇÃO foram as primeiras origens do SENTIMENTO RELIGIOSO.»

III — O Espiritismo, realmente, não é religião organizada, constituída, com sacerdócio, sacramentos, cultos exteriores. «O que parece sublime aos homens é abominável perante Deus.» (4). Mas o é no bom sentido, como «conjunto de pensamentos, atos e sentimentos que estabelecem a relação entre o homem e Deus.» Nêle, não se deve «honrar o Mestre com os lábios», nem permitir que o coração «esteja longe dêle», porque êste «culto não tem valor aos seus olhos»—são «doutrinas e preceitos humanos». (5).

Ê também um sistema de conjuntos ou de princípios que, regulando a subordinação, explicam a origem divina da alma.

IV — PRINCÍPIO, ensina a Filosofia, é aquilo de onde algo procede e a que se dá o nome de CAUSA. Há princípios ontológicos (essência e existência), que tratam da finalidade, da finitude do criado; há a matéria e a forma, a potência e o ato.

Ora, o Espiritismo — dando a definição platônico-aristotélica de que Deus é a Inteligência Suprema e a Causa primária de tôdas as coisas — anunciou um princípio. Referindo-se, no Livro dos Espíritos, à reencarnação, à justiça divina, à escolha das provas, enunciou leis; em nos falando do espírito e da criação, da liberdade, da causa e efeito, do determinismo e do livre arbítrio, o Espiritismo enuncia princípios, que

ora se referem à essência da alma humana, ora ao Ato Puro, à Suprema Potência, que é o Criador do Mundo.

A Religião e o Espiritismo

V — Da sistematização dêsses assuntos, nos três livros básicos, resulta a solidez doutrinária do Espiritismo:

O LIVRO DOS ESPÍRITOS refere-se à parte filosófica da doutrina, cuida do Sêr e da Natureza;

O LIVRO DOS MÉDIUNS trata da parte científica, fenomenológica; e

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPÍRITISMO, o «QUINTO» Evangelho na expressão feliz de EUGENIO CARLOS MONTEIRO, cuida da parte religiosa, da parte moral, do soerguimento de energias combatidas, do consolo e das tribulações, das alegrias e das esperanças, que alentam a criatura, em busca de Deus.

Todos êles ordenados, disciplinados, sistematizados, constituem, inegavelmente, um Código Superior.

VI — Há inquietações e interrogações dolorosas, que acabrunham o homem, na sua sensibilidade, atingindo-lhe o psiquismo: O que sou? De onde venho? Para onde vou?

Procurar respostas às perguntas é filosofar. Veio o Espiritismo e somente êle deu-lhes respostas satisfatórias. Ensinou ao homem o que é. Mostrou-lhe de onde procede. Provou-lhe a sobrevivência, conservada a individualidade, dizendo-lhe para onde vai.

As soluções apresentadas religaram a criatura ao Criador. Afastou-lhe a dúvida. «Vivemos mergulhados num oceano de trevas e dúvidas.» (6). Tiraram-no dêsse pêlago e deram-lhe a certeza de que todo espírito é aguardado, no retôrno à pátria espiritual, pelo Pai do Filho Pródigo, que se rejubila com a volta daquele que, perdido, se reencontrou.

O Espiritismo, portanto, como a nova aurora redentora, trouxe uma doutrina que tem conseqüências morais, o que é idêntico a conseqüências religiosas. A moral é condição imanente do religioso. A não ser assim, jamais seria a religião «pura e sem mácula» de que nos fala Tiago. (I:27).

A religião verdadeira é aquela que enternece os corações, fala às almas, o-

rienta-as, infunde coragem e jamais atemoriza. Deve dar liberdade de fé e de raciocínio, pois «onde ha liberdade, aí reina o Espírito do Senhor». (7).

Se não observar êsse roteiro, tão firme e tão nobre, ela não exercerá influência, não voltará a «ser um incitante do progresso e elevação», para o que «a religião deve despojar-se dos disfarces com que se revestiu através dos séculos» — escreveu Leon Dénis. «Não são os seus elementos primordiais que devem desaparecer, mas SIM AS FORMAS EXTERIORES, continua êle, OS MITOS OBSCUROS, O CULTO, AS CERIMÔNIAS. Cumpre evitar confundir coisas tão dessemelhantes. A VERDADEIRA RELIGIÃO É UM SENTIMENTO, no coração humano é que está o melhor templo do Eterno, E NÃO NAS FORMAS E MANIFESTAÇÕES EXTERIORES. A verdadeira religião não poderia ser encerrada dentro de REGRAS E MITOS ACANHADOS; NÃO NECESSITA DE SACERDOTES, NEM DE FÓRMULAS, NEM DE IMAGENS.» (8).

VII — O que anda por aí, confundindo, conturbando, conspurcando é o reinado do Anti-Cristo, que tem por divisa desunir para reinar. «Não floresce a religião de Deus, que é amor». (9). Medra a religião dos homens, «que não é a de Deus: que se resume em sacramentos, é sujeita ao numerário, circunscreve a razão e o sentimento, prescrevendo a ignorância; não admite a evolução; escraviza as almas e as inteligências; condena a análise, a investigação; é aflição, desespero e morte; persegue, anatematiza, odeia e calunia os que lhe são descrentes; é a opressão, o orgulho, o egoísmo, a mercância.» (10).

Em compensação, o Espiritismo é a antítese :

É «doutrina filosófica, que tem conseqüências morais, como tôda filosofia espiritualista, pelo que toca forçosamente nas bases fundamentais de tôdas as religiões: DEUS, a ALMA e a VIDA FUTURA. Não é, porém, UMA RELIGIÃO CONSTITUIDA, visto que não tem CULTO, nem RITO, nem TEMPLO, e entre os seus adeptos nenhum tomou o título de SACERDOTE OU PAPA.» (11).

É de espírito liberal, evolucionista :

«Se lhe demonstrarem que está em êrro acêrca de um ponto, ela se modificará nesse ponto.» (12).

Está tudo concorde com a missão que os Espíritos lhe atribuíram quando afirmaram que êle, o Espiritismo, «instituirá a verdadeira religião, a RELIGIÃO NATURAL, a que parte do coração e vai direta a Deus», «sem se deter nas franjas de uma sotaina ou nos degraus de um altar.» (13).

Êstes mesmos Espíritos, anteriormente, no início da grande jornada do Codificador, disseram-lhe que «não haverá diversas religiões, nem há mister senão de uma, que é a VERDADEIRA, GRANDE, BELA E DIGNA DO CRIADOR... OS SEUS PRIMEIROS FUNDAMENTOS JÁ FORAM LANÇADOS.» (14).

Noraldino de Mello Castro

Rua Mar de Espanha, 352 —

Belo Horizonte.

(Continua no próximo número)

- 1 — NORALDINO DE M. CASTRO, «O Espiritismo em face do Direito e da Metapsíquica», pág. 31.
- 2 — GUILLON RIBEIRO — Pref. de «RELIGIÃO» de CARLOS IMBASSAHY, pag. 15.
- 3 — LETERRE — Jesus e sua Doutrina, pág. 10.
- 4 — LUCAS, XVI:15.
- 5 — MT., XV:8-9; Mc.VII:7.
- 6 — RICHET, «La Grande Esperance», pág. 142.
- 7 — II, Cor. III:7.
- 8 — LEON DENIS, «Depois da Morte», pág. 25.
- 9 — VINICIUS, «Nas pegadas do Mestre», pág. 8
- 10 — CAIRBAR — «Parábolas e Ensinos de Jesus», pág. 175/8.
- 11 — KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 247.
- 12 — KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 329.
- 13 — KARDEC, «Obras Póstumas», pág. 280.
- 14 — KARDEC, «Obras Postumas», pág. 260, e C. IMBASSAHY, obra cit. pág. 62.

Autenticidade dos Evangelhos

CARLOS IMBASSAHY

— I —

Escrevemos, em resposta a um consulente, que sôbre a autenticidade dos Evangelhos poucos documentos existiam: Cristo nada escreveu; três dos evangelistas ou sejam os autores dos sinópticos, não foram testemunhas oculares da vida e dos ensinamentos do Mestre, e sôbre a autoria do 4.º Evangelho, o chamado de João, havia muitas divergências.

Nada seguro, portanto. E a dúvida pairaria na mente do estudioso, mórmente o que se dedicasse à crítica histórica, se o Espiritismo, pela voz dos Espíritos Superiores, soprada em todos os cantos da Terra, não nos falasse constantemente do Cristo, de sua moral, de sua excelsa missão.

Parece claro o período, sem nada que pudesse ferir de frente o Evangelho; a falha histórica era suprida pela fala espírita.

A minha inofensiva resposta provocou certa reação nos que se dedicam a tais estudos, tendo eu recebido varias cartas e escritos a respeito.

Deixarei de lado aquelas e aquêles que trocam a seriedade do assunto por chocarrices de mau gôsto e atehome a duas que merecem a maior atenção pela autoridade de quem as subcreve.

O primeiro me diz que os Evangelhos são tão sagrados que não lhes devemos tocar, pois o mais leve arranhão poderia abalar a fôrça moral que exercem. O segundo me pergunta em que situação eu ficaria se êle indagasse: — Por que tem como prova da realidade dos Evangelhos o depoimento de uma plêiade de Espíritos e põe em dúvida a autenticidade do Quarto?

Assiste certa razão ao primeiro missivista quando se refere ao respeito que lhes devenios. Mas êsse respeito não pode ser aceitação incondicional de tudo, até mesmo do que o Cristo não disse, do que mãos profanas emendaram ou acrescentaram, dos ensinamentos errôneos que os desfiguram, das falhas, equívocos e imperfeições deliberadamente perpetrados ou acumulados pela ignorância de copistas, inobservância de tradutores, açodamento de inovadores, ou in-

terêsse de sectários. Destarte, em vez de o elevarmos no conceito filosófico, trazemo-lo ao raso das frivolidades, onde as obras acabam por perecer.

Pelo mesmo respeito que nos merecem, não podemos faltar à verdade, por que esta é que deve pairar acima de tudo, mesmo das convenções religiosas, mesmo da tradição, quando ela não tem supedâneo e representa apenas o pensamento de uma época ou de uma facção.

A crítica sincera pode atenuar o fanatismo dos que aceitam sem indagar, crêem sem perquirir, afirmam sem provar, censuram sem apôio e atacam sem justiça. O que passa dos limites do razoável é exagêro. O que se admite num crente já não se pode aceitar em Espiritismo, onde a razão domina e a convicção é trazida pelas provas.

Nunca poderá ser para o espírita base do conhecimento o que não vier escudado em documentação séria; não poderá ser êle arrastado pelo preconceito, pela emotividade, pela maneira por que encara esta ou aquela questão, pelo seu modo especial de ver, pelas suas afeições, pelos seus pendores, pelo seu livro sagrado. Êle terá que ir onde a razão o levar, êle se firmará onde estiver a prova, êle agirá pelo alegado e demonstrado.

Se não tivermos a independência de arrostar com a opinião geral, quando ela estiver errada, faliremos ao nosso escôpo.

Vejam: Há drogas de grande valor terapêutico, mas que se não podem receitar inconsideradamente; têm que ser medidas e aplicadas em ocasiões precisas; seu uso inoportuno, seu emprego às cegas, suas quantidades macissas podem trazer grandes inconvenientes.

É assim com os Evangelhos. Muitos procuram tirar efeito das repetições, de longas leituras, de intermináveis transcrições; citam-no a todo o momento, lançam-no inoportunamente, e aquilo em quantidades cerradas, torna-se enfadonho, senão insuportável.

Mas uma dúvida, uma indagação, um esclarecimento será a arranhadura

que fará vacilar a crença? Uma indagação sobre as nascentes das letras sacras é sinal de ateísmo?

Uma simples apresentação do que se diz já fere a sensibilidade de nossos escritores.

Tal estado de ânimo só pode deservir a Boa Nova. Entretanto o que eu desejava mostrar aos díscolos é que o Evangelho, não tendo provas históricas capazes de inspirar confiança, possui as que o Espiritismo lhe traz, escoimadas de acréscimos, interpolações, deficiências, enganos, obscuridades, e assim o restitui à sua realidade, e assim o reintegra nos princípios pregados pelo Mestre, e assim nô-lo apresenta como verdadeiro código de Moral.

* * *

Vamos trazer uma documentação que justifique a conclusão de que será necessário, para a aceitação do Evangelho e a crença nêle, ouvir os esclarecimentos, o testemunho, a palavra dos Espíritos.

Principiemos por autor que merece apontado, já pelos seus profundos conhecimentos, já pelo seu pendor evangélico. É um Mestre. É ele o Dr. Canuto de Abreu, que apresentou interessante estudo — *O Evangelho por Fora*. Assim nos diz:

«Não há no Mundo obra alguma tão controvertida e criticada quanto o Evangelho». Sobre Mateus: — «Segundo Papias não redigiu seu Evangelho originariamente no grego, mas em dialeto hebraico, que cada um traduziu como pôde.»

«Marcos não ouviu o Senhor. Lucas, não tendo sido como João testemunha presumível do Logos, aproveitou somente o fundo tradicional.

«João é universalmente aceito pela boa crítica.»

Na citada obra assim se refere a Renan:

«Ernesto Renan foi acima de tudo grande Filósofo e Historiador por seus estudos sobre as origens do Cristianismo. Mundialmente conhecido, escreveu obras de incomum valor linguístico e literário. Foi a melhor pena de seu tempo em França.»

Baseado nesse parecer insuspeito, valemo-nos de Renan, que diz sobre o Evangelho de João: — «A mais grave

questão é a do valor histórico do 4.^o Evangelho.» — E coloca aquelas opiniões em 4 classes: a dos que aceitam o 4.^o Evangelho como de João e verdadeiros os fatos ali contidos, que é a opinião ortodoxa. *Essa opinião — acrescenta — é inteiramente insustentável.* A 2.^a opinião é a dos que acreditam seja êle do apóstolo, mas redigido e retocado pelos discípulos; a 3.^a é a de que o Evangelho não é de João, mas com preciosas tradições; a 4.^a é a dos que negam tudo.

A opinião de Renan se enquadra na 3.^a classe, isto é, que o 4.^o Evangelho não é obra de João; foi-lhe atribuído por algum de seus discípulos lá para o ano 100. Os assuntos são quase inteiramente fictícios, embora as narrativas contenham preciosas tradições que remontam, em parte, ao apóstolo. Pensam de igual modo Weizsaecker e Michel Nicolas. Duvidam inteiramente da autenticidade do Evangelho, Baur, Schwegler, Strauss, Zeller, Volkmar, Hilgenfeld, Schenkel, Scholten, Réville. (*Vie de Jesus*, Pref. da 13.^a ed., pgs. XI).

Vejamos ainda Renan, autor autorizado, segundo Canuto de Abreu, e talvez considerado o mais seguro pesquisador das origens do Cristianismo:

Na *História do Cristianismo*, cap. V, referindo-se ao início do Evangelho, declara que as lições de Jesus eram recitadas com freqüência. Mas foram morrendo os que ouviram o Mestre e daí a necessidade de conservar por escrito o que êle dissera. Fizeram-se pequenos apanhados; essas compilações com pontos comuns sofriam variantes; quem tinha um caderno completava-o com a consulta dos cadernos alheios; as palavras concordantes com o espírito de Jesus eram tomadas no ar e insertas nas compilações.

Um escrito semelhante pode dar-nos idéia de como se formou êsse embrião de Evangelho, é o Pirké Aboth, coletânea das sentenças dos rabinos célebres. Tal livro deveria ser organizado com adições sucessivas.

No Evangelho de Mateus vê-se o estado dêsses primeiros sutras cristãos. São fascículos com sentenças e parábolas, desordenadamente dispostas, e inseridas em bloco. Mas a sebe que protegia a palavra santa era pouco forte.

Nunca tiveram unidade as compi-

lações siro-caldáicas das sentenças de Jesus. Escreveram-se sob a forma de notas. A matéria era tradicional; ora, a tradição é matéria mole e extensiva. Juntavam-se às palavras de Jesus dizeres mais ou menos presumíveis. Vulgarizando-se uma frase, logo era atribuída ao Mestre. Renan acredita, entretanto, que a imagem de Jesus como está nos Evangelhos, é semelhante ao original, pelo menos nos traços mais salientes.

Para Renan, o Evangelho por excelência é o de Marcos; foi discípulo e intérprete de Pedro; devia ter conhecido os homens que entraram no drama dos últimos dias de Jesus. Escrevera em Roma 40 ou 50 páginas, que constituíam o primeiro núcleo dos evangelhos gregos. Não julga esse Evangelho isento de interpolações.

Entretanto, foram-se tornando palpáveis os seus defeitos; havia ali a secura das narrativas de Pedro; faltavam os sermões, os fatos essenciais da vida de Jesus. Pretendia-se um evangelho completo com que os tradicionalistas sabiam ou cuidavam saber: Essa foi a origem do Evangelho de Mateus.

Segue o de Marcos no plano, nas expressões características. Durante páginas seguidas as coincidências nos menores detalhes faz afirmar que o Autor possuía um manuscrito de Marcos.

A intenção apologética foi nêle uma fonte inexaurível de anedotas e interpolações. Herodes foi caluniado e se tornou o bode expiatório de todos os agravos cristãos; os perigos da infância de Jesus, uma imitação dos de Moisés. Dessa infância nada se sabe e a lacuna é suprimida por uma série de anedotas concebidas a propósito. Mateus chega a verdadeiros contrasensos para produzir efeitos patéticos; o vinho dos condenados, instituição benévola e humana, é para êle um requinte de crueldade, e isto só para cumprir uma profecia.

Aliás, o oriental conta com uma candura admirável e com a firmeza de uma testemunha, as coisas que não viu e de que não tem certeza.

Foi incalculável o número de frases atribuídas a Moisés depois de sua morte; o mesmo aconteceu a Jesus. Aos seus apólogos juntaram-se outros concebidos no mesmo estilo, sendo difícil distingui-los dos verdadeiros. Não será possível um discernimento exato.

Mateus não podia ter redigido o Evangelho que tem o seu nome; já havia falecido havia muito quando êle foi composto. Papias acredita que a obra é dêle, mas já se tinham passado 60 anos e lhe deviam faltar os meios para decifrar tão baralhada questão.

Eram muitos os escribas evangélicos, mas de segunda mão, e os de Mateus pouco ou quase nada conhecidos. Lucas resolveu escrever um: concatenou textos anteriores, fêz interpolações, escreveu segundo o seu modo de sentir. Tinha em vista o texto de Marcos, pouco diferente do que conhecemos. Pode-se dizer, que o assimilou quase por completo; a coincidência é literal.

Lucas devia também possuir outras narrativas do mesmo gênero, que copiou largamente. Talvez possuísse uma tradução do Evangelho hebraico, assim como devia tê-lo Marcos, e o avolumou com inovações dêsse Evangelho.

Êle se arroga o direito de modelar, intercalar, transpor, combinar a seu bel prazer, para conseguir o arranjo que lhe convém. Entretanto, são lindos o fim dogmático e a moral.

A arte de modelar e redigir artificialmente pelos documentos anteriores, levou-o a repetições, a contradições, a inconveniências promanadas de disparatados elementos, defeito a que só Marcos fugiu. Suas narrativas são as mais belas que apareceram, mas pouco históricas e se internam fortemente na lenda.

Mais tarde surgiu um novo Evangelho com a pretensão de suplantar os demais. Existia em Éfeso um grupo de indivíduos que no fim do 1.º século se consideravam testemunhas oculares da vida de Jesus. Dêste pequeno grupo saiu uma redação evangélica de caráter peculiar, que parece ter tido a confiança do velho apóstolo; talvez êsse grupo se julgasse apto a falar em seu nome.

O mais provável é que João nada escrevesse e que o Evangelho com o seu nome fôsse obra de algum discípulo, ainda em sua vida.

Fala ainda Renan na vaidade de João, como predileto de Jesus, e declara que na sua roda havia muito boa fé e até algum charlatanismo. Podemos calcular, acrescenta, os produtos estranhos que germinariam neste ninho de intri-

Cesare Lombroso o maior criminologista dos tempos e o Espiritismo

Dr. Giuseppe Manuel Minardi



NÃO tem pior «surdo» e «cego» do que aquêle que não quer ouvir e ver. Assim o mundo marcha, dos tempos remotos, carregando indiferente também a humanidade nos movimentos vorticosos da evolução. A ciência, que aguça o ouvido da humanidade, não encontrou ainda meios para explicar êstes problemas tão inusitados para ela, que fazem o mundo e o universo marchar para frente e para o alto. Chegou a hora de mudar de caminho, porque é vão, é loucura acumular fatos, aos milhões, sem jamais chegar-se a uma conclusão, e pior ainda fechar-se na negação sistemática de assuntos e fatos espíritas. Êstes não são reconhecidos pela ciência oficial, pois ela teme muito que sua efêmera reputação venha um dia a ser abalada das raízes da própria ignorância. Mas, não é negando-se os fatos que os anulamos. Não é com a negação da esfericidade da Terra (de infeliz memória da religião católica) que a mesma deixa de ser redonda; não é com a negação da circulação sanguínea (de infeliz memória também da religião) que o sangue deixa de circular nos vasos sanguíneos do organismo animal. Quem não vê fatos espíritas, nega-os naturalmente, mas, não os excluirá e não poderá ter o direito de negar que outrem possa ter visto e presenciado os «FENÔMENOS SUPRANORMAIS». Se se tem pureza de alma, sinceridade de intenções, fácil será penetrar nos fatos científicos-espíritas os quais são inexplicáveis pelas leis da fisiologia. Porém, partindo-se de preconceitos, de interesses, então se achará armas suficientes para rejeitar qualquer prova. A verdadeira prova é uma só: são as leis de DEUS que nos alcançam em nossa casa com a dôr que, sobrepujando as barreiras humanas, nos toca e sacóde; as crises do espírito, com a dureza do destino; a voz tonitroante do mistério, que nos surpreende num lance da vida e nos

diz: basta! Aquí está o caminho! Segui-o!

O Prof. Dr. CESARE LOMBROSO, criminologista e antropólogo, cientista de fama universalmente conhecida, desapareceu aos 74 anos deixando monumentais e imponentes obras científicas. A sua morte comoveu o mundo inteiro. A Rússia, Oriente, velho e novo mundo, publicaram a sua morte nas primeiras páginas e durante um ano se escreveu sôbre as obras do desaparecido, evidenciando as formidáveis teorias apresentadas como JURISTA e CIENTISTA. As obras lombrosianas foram traduzidas em todos os idiomas e vendidas a milhares. Lombroso deu à Itália a legislação sanitária, até hoje em pleno vigor, com a obra «GEOGRAFIA MÉDICA D'ITÁLIA». Como médico, deu um novo rumo às bases biológicas, anatómicas e fisiológicas da delinqüência, criando assim uma nova escola.

Nasceu em Verona, (Itália), e aos 7 anos escrevia versos, aos 14 escrevia monografias sôbre a história romana, aos 16 escreveu um ensaio sôbre as línguas mortas e vivas. A teoria lombrosiana do «gênio» iniciada em 1855 revelou-se no ensaio: «A Loucura de Cardano». Em 1856, em Viena, revolucionou a criminologia com a histórica frase: «Porque não praticar métodos experimentais na psiquiatria e na criminologia, como se faz na Medicina?» As homenagens e as admirações prodigalizadas a Lombroso por parte de todos os grandes da Terra de seu tempo, foram excepcionais. Mesmo Tolstoi, que o desprezava, foi, em seguida, o seu maior admirador e amigo.

Difícilmente, se não impossível, encontraremos um homem nessa época que se tenha evidenciado no mundo científico como Cesare Lombroso, apesar dos ferrenhos e baldos ataques de alguns pseudos cientistas, que sentiam, nas teorias de Lombroso, abalar o trôno dourado da própria ignorância.

Êste homem, dotado de uma qua-

Uma Experiência Concludente

⇒ Arnaldo S. Thiago ⇐

NÃO somos filiados à igreja, pelo que não nos apegamos às missas e a outras análogas cerimônias ritualísticas, mediante às quais se pretende ir à conquista, sempre, nesses termos, muito duvidosa, das bemaventuranças celestiais; mas nem por isso deixamos de ser verdadeiros amigos dos nossos irmãos, frades ou crentes, que militam nas hostes da igreja, desta respeitando as atitudes que à verdade e à justiça correspondam, de acôrdo com a parcela de bom conceito que pode a razão nossa, livre e bem intencionada, alcançar, quando as vistas alçamos para o infinito das alturas, onde infinitos aspectos da Verdade há ainda, e sempre haverá, certamente, por nós, e pelos semelhantes nossos, ignorados, pois que a Verdade absoluta sômente Deus poderá conhecer.

A igreja tem-se comportado sãbiamente em suas últimas atitudes assumidas perante a arrogância científica de certos materialistas, que sômente os faz inchar de orgulho, ao passo que se quisessem ter um pouco de humildade evangélica, muito mais eficientes se lhes tornariam as conquistas no campo da ciência.

Recentemente, a propósito do vôo dêsse primeiro astronauta russo, que a imprensa comunista procurou celebrar como demonstração do absurdo da fé religiosa e de quanto é sensato o ateísmo (*sic*) declarou a igreja, pela voz autorizada da emissôra do Vaticano, «que a existência de Deus não depende das alturas, nem da vertiginosa velocidade dos vôos do homem, o qual sômente pode voar num Cosmos já criado por Deus», aduzindo mais: «A fé não foi afetada pela prioridade do regimen soviético ateu, com a remessa do primeiro homem ao espaço. A investigação científica e o êxito técnico não constituem privilégio e monopólio dos crentes: — são prerrogativas da inteligência e frutos do esforço do homem, bem vital que Deus, generosamente, dá a qualquer homem», acrescentando, mui sensatamente: «Deus também ajuda aos a-

teus, mas o progresso técnico não se identifica com o progresso humano». Mas, certamente!

Êsses preciosos informes constam do «Jornal do Comércio» de 19 de abril último. Anteriormente, isto é, em 13 de janeiro do corrente ano, a propósito das notáveis experiências no campo da genética, levadas a efeito por três cientistas italianos, informava o mesmo jornal, em telegrama de Roma, da UPI, que «o especialista em genética, professor Luidi Gedda, que também é uma destacada figura católica, declarou que os experimentos em *tubos de ensaio*, sôbre inseminação artificial, *não levam em conta as características espirituais da pessoa humana*», acrescentando que «a igreja católica é contrária à inseminação artificial em qualquer forma que se faça. Já em 1956 o extinto Papa Pio XII condenou-a, qualificando-a de «mal intrínseco» que viola as leis da natureza e da moralidade».

A igreja está com a plenitude da razão, em tôdas estas suas dignas atitudes.

Interessa-nos sobremaneira essa oportuna manifestação da igreja, porquanto o assunto a que se refere é do mais lúdimo interêsse, também, da Filosofia Espírita que, a propósito, vê nitidamente confirmados os seus princípios, no que se acha perfeitamente de acôrdo com a Teologia, conforme acabámos de verificar.

A *experiência de valor no campo da genética*, para conservar o sub-título que deu a êsse IMPORTANTE ENSAIO CIENTÍFICO NA ITÁLIA, o Jornal do Comércio, em sua edição de 13 de janeiro, citada, foi a seguinte, conforme informação procedente de Bolonha para a UPI: «Um membro de um grupo de cientistas italianos afirmou hoje que êle e seus colegas fertilizaram um óvulo humano fora do corpo e desenvolveram-no durante 29 dias, para destruí-lo depois. A experiência, que se disse haver sido a primeira de tal índole, pela duração e por se tratar de ser humano,

foi anunciada esta manhã pelo diário local «Paese Sera».

Dos depoimentos publicados por êsse jornal consta, entre outras coisas, que a experiência foi realizada pelo professor Daniele Petrucci, pela Dr.^a Laura de Paoli e pelo Dr. Raffaele Bernabero; que «a característica interessante é que a experiência pôde prolongar-se por 29 dias, durante os quais se pôde determinar com exatidão como o espermatozoide penetra no óvulo e fertiliza-o», e que «a informação do *Paese Sera* dizia que no vigéssimo nono dia o embrião começou a desenvolver-se claramente ao monstruoso e sugeria que intervieram prejuizos religiosos.»

Por fim a notícia declara que «a Dr.^a De Paoli afirmou que êsse não era o caso e disse: «Não é correto falar de monstruosidade. O que observamos foi uma divisão do óvulo que possivelmente era precursora da deterioração de todo o conjunto. Por isso suspendemo-la, mas não foi por motivos ou escrúpulos religiosos».

Na edição de 4 de fevereiro último, ainda é o Jornal do Comércio que, em telegrama de Paris, informa: «Não tentamos criar a vida artificialmente, mas apenas tentamos estudá-la,—declarou, na tarde de ontem, o professor Daniele Petrucci, que se tornou famoso, em pouco tempo, após as suas experiências a respeito da fecundação fora do corpo humano».

Eis aí no que consistiu a célebre experiência. Quaisquer raciocínios que possam sôbre a mesma ser feitos e quaisquer deduções que seja possível delas tirar—isso é do domínio da ciência—e até lá não podemos chegar, dada a nossa condição de simples jornalista. Mas, o que desejamos acentuar é a clareza meridiana com que essa experiência veio confirmar, em suas conseqüências, o que a respeito deixou acentuado o professor Geley, um dos mais notáveis pesquisadores dos fenômenos espíritas, num dos seus mais interessantes livros, qual seja *Éssai de Revue Générale et de Interprétation Sintétique du Spiritisme*.

À página 15 dêsse oportuniíssimo livro, já em sua 3.^a edição revista e ampliada, no capítulo intitulado *Le Périsprit*, eis o que deixou escrito êsse pes-

quisador atento e arguto, que foi o Dr. Gustave Geley:

«*Il sert (le périsprit) de moule, de substratum organique pour toutes nouvelles incarnations. En se condensant, dans l'embrion, il groupe dans l'ordre donnée les molécules matériels et assure le développement normal de l'organisme. Sans le périsprit, le résultat de la fécondation se traduirait par une tumeur informe*».

(Serve o perispírito de molde, de substratum orgânico para tôdas as novas encarnações. Condensando-se, no embrião, agrupa na ordem dada as moléculas materiais e assegura o desenvolvimento normal do organismo. Sem o perispírito, o resultado da fecundação se traduziria por um tumor informe).

Grifámos o último período para mostrar a perfeita identidade do resultado obtido, em sua recente experiência, pelos cientistas italianos, com o que teoricamente prefixara o insigne Dr. Geley, aliás inteiramente de acôrdo com as conclusões da Doutrina Espírita.

Se aquêles sábios conheciam ou não os princípios desta grande ciência sôbre o perispírito e a sua indispensável influência na formação do nosso arcabouço material, é o que de maneira alguma precisamos estabelecer para certificar-nos da evidência em questão: o que podemos, sim, afirmar é que a experiência por êles realizada, veio confirmar de modo categórico um dos admiráveis princípios científicos do Espiritismo.

Muitas conquistas hodiernas da Ciência, bem o sabem todos os pesquisadores que não se escravizam a *partispris* algum, têm vindo confirmar êsses princípios.

Infelizmente para a humanidade, para a conquista da paz e da harmonia entre os homens, a nossa Doutrina sofre o impacto violento e contumaz dos preconceitos científicos e religiosos, firmados nas malversações do materialismo ou de conceitos anacrônicos e completamente inúteis à causa do progresso.

As conseqüências dessa falta de senso perante a verdade; dêsse apêgo às esterioridades brilhantes, estão se fazendo sentir, também, violentamente, na intranquilidade cada vez maior em que vivem os povos; na animosidade que se agrava entre as maiores nações do glo-

bo, tudo pressagiando dias calamitosos para a humanidade, mais calamitosos ainda do que aquêles que se desenrolaram entre 1914 a 1918 e 1939 a 1945 e dos quais ficaram resíduos de ódios e de desentendimentos, que talvez tenham de conduzir o planêta à tremenda angústia apocalíptica, se um elemento de ordem divina, inconcebível pela mente dos homens, não descer dos céus sôbre a terra, para superar os desequilíbrios

suscitados pelas paixões, pelos mesquinhos interesses materiais dos homens, impondo-lhes maneira de se comportarem, compulsòriamente, que a suavidade democrática, perturbada pelos sofismas e pelas tremendas hipocrisias da política sem ideal, ainda lhes não conseguiu comunicar.

Deus tenha misericórdia da espécie humana, livrando-nos de novas hecatombes !

A Bíblia Sagrada

Ensaio de exegética espírita das sagradas letras

— VIII —

Vencida essa primeira etapa de exegese bíblica poderíamos prosseguir separando as noções científicas contidas no Genesis, da parte histórica mesclada de lenda, que nêle se contém. Não pode, entretanto, ser o nosso propósito proceder a essa análise exegética de tôda a Bíblia, mas apenas mostrar o processo que devem adotar para entender as sagradas letras todos os que não se deixam levar por um ânimo demolidor de tudo que se encontra na Bíblia, livro que, apesar dêles, servirá perenemente ao estudo da história da humanidade e de como foi se desenvolvendo a capacidade da espécie para o conhecimento das coisas santas, que é o em que consiste a ciência constantemente bafejada pela inspiração divina, sem a qual perde-se ela nos meandros obscuros do orgulho e resulta em desmoronamentos de civilizações, desaparecimento de povos da face da terra... até que chegue o dia grande do Senhor, em que os homens, conscientes de seus luminosos destinos, se irmanem para que haja paz e felicidade na Terra.

Podemos, portanto, deixar ao critério dos nossos irmãos, a cujo conhecimento possa chegar esta norma de exegese bíblica, o cuidado de desenvolver similares raciocínios filosóficos para a boa interpretação de todo o Genesis, deleitando-se, ao mesmo tempo, o espírito na suave e ingênua explanação dos capítulos: Como Deus criou a mulher, Tentação de Eva e queda do homem, O nascimento de Caim, Abel e Seth, O

primeiro homicídio, A genealogia de Seth, A corrupção geral do gênero humano, Deus anuncia o dilúvio a Noé, Noé e sua família entram na arca, O dilúvio, Noé solta um corvo e depois uma pomba, Noé e sua família saem da arca, O pacto que Deus fez com Noé, Noé planta uma vinha, Os descendentes de Noé, Tôda a terra com uma mesma língua. A confusão das línguas, Deus chama Abrão e lhe faz promessas, Abrão desce ao Egito, Abrão volta do Egito, Abrão e Lot separam-se, Lot é levado cativo, Melquizedec abençoa Abrão, Deus anima Abrão e promete-lhe um filho, Deus faz um pacto com Abrão, Hagar é dada por mulher a Abrão, Deus muda o nome de Abrão, Deus muda o nome de Sarai, A instituição da circuncisão, Aparecem três anjos a Abrahão, Deus anuncia a destruição de Sodoma e Gomorra, Abrahão intercede com Deus pelos homens, Lot recebe os dois anjos em sua casa, A destruição de Sodoma e Gomorra, Abrahão nega que Sara é sua mulher, O nascimento de Isaac, O despedimento de Hagar e Ismael, Abimelech faz um pacto com Abrahão, Deus manda Abrahão matar seu filho Isaac, A morte de Sara, Abrahão manda seu servo buscar uma mulher para Isaac, O encontro de Rebeca, Rebeca consente em casar com Isaac, Abrahão casa com Ketura e tem filhos dela, etc., etc., até *A morte de José.*

Em grande parte é, como se vê, o Gênesis a narração histórica do de

envolvimento do povo hebreu, entre os demais povos da terra. Nada aí existe de surpreendente e absurdo e que possa enternecer o espírito humano. O que há, muito pelo contrário, é um grande número de noções filosóficas, obscuras pela letra e que ao entendimento humilde dos homens religiosos pode levar inusitados clarões, para lhes proporcionar o conhecimento de muita coisa que escapa à pesquisa rigidamente científica, despojada dos elementares preceitos da humildade que devemos ter diante de Deus...

Ao Gênesis segue-se o ÊXODO, segundo livro de Moisés, em que se descreve o aumento prodigioso do povo hebreu entre os de raça egípcia; o excesso de trabalho a que foram submetidos os hebreus, além das perseguições que lhes eram inflingidas e o aparecimento de um libertador que, realmente por inspiração divina, como em outros muitos povos tem acontecido, pôde levá-los à conquista de outras terras, onde implantaram o seu domínio, nelas desenvolvendo-se como nação.

A grandeza do Êxodo culmina incontestavelmente na prescrição dos dez Mandamentos da Lei de Deus, que é feita ao povo hebreu, depois de quarenta anos de inauditas provações que lhe propiciaram melhor experiência da vida, pela sublime inspiração messiânica de Moisés:

I — «Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão.

II — Não terás outros deuses diante de mim. Não farás para ti imagem de escultura, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas

debaixo da terra. Não te encurvarás a elas nem as servirás: porque eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a maldade dos pais nos filhos, até à terceira e quarta geração daqueles que me aborrecem, E faço misericórdia em milhares, ao que me amam e aos que guardam os meus mandamentos.

III — Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão: porque o Senhor não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão.

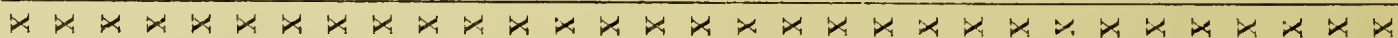
IV — Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra, Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus: não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem a tua besta, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor dos céus e a terra, o mar e tudo que nêles há e ao sétimo dia descansou: portanto abençoou o Senhor o dia do sábado, e o santificou.

V — Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.

VI — Não matarás. VII — Não adulterarás. VIII — Não furtarás. IX — Não dirás falso testemunho contra o teu próximo. X — Não cubiçarás a casa do teu próximo, não cubiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo».

Eis o dez Mandamentos, em que culmina a missão de Moisés, como veremos a seguir.

Philemon



Relação das Coleções de «Revista Internacional do Espiritismo», existentes e encadernadas:

Ano de 1926	cr.\$ 400,00	Ano de 1949	cr\$ 220,00	Ano de 1955	cr\$. 250,00
» » 1929	» 400,00	» » 1950	» 250,00	» » 1956	» 250,00
» » 1946	» 250,00	» » 1951	» 250,00	» » 1957	» 250,00
» » 1947	» 250,00	» » 1952	» 250,00	» » 1958	» 250,00
» » 1948	» 250,00	» » 1953	» 250,00	» » 1959	» 250,00
		» » 1954	» 250,00	» » 1960	» 250,00

Crônica Estrangeira

O GRANDE MÉDIUM CURADOR NICHOLAS TRIANTAPHYLLIDES

«Estudos Psíquicos»

O seu nome parecerá difícil de pronunciar aos nossos ouvidos. Mas na Grécia, Nicholas Triantaphyllides quer dizer «cura». Em Atenas atingiu bem merecida fama como «espírito salvador» em consequência das curas dramáticas que resultaram do seu tratamento, sempre gratuito.

A sua história começa realmente aos 10 anos de idade, como êle afirma ao recordar o seu desejo instintivo de curar doentes.

Em qualquer sítio que Nicholas encontrasse um enfêrmo, as suas mãos erguiam-se nessa direção. A dádiva salvadora estava neste gesto, mas até encontrar uma ocupação permanente foi-lhe difícil praticar, se bem que jamais recusasse ajudar os casos que se lhe deparassem.

Um dos seus êxitos como médium curador aconteceu com sua própria esposa, a qual, após haver desenvolvido os seus dotes de clarividente, o ajuda nos diagnósticos e na cura a distância.

Ouviu uma voz

Nicholas é um clariaudiente. Há cinco anos ouviu uma voz dizer-lhe:

— Porque não curas tua mãe?

Começou o tratamento e em dois dias ela restabeleceu-se completamente. Durante 4 meses sofrera de uma enfermidade que os médicos não chegaram a classificar, suspeitando até de cancro.

A cura rápida de sua mãe resolveu Nicholas devotar todo o seu tempo livre a tratamentos. Às vezes os resultados são espontâneos; outras vezes é necessário um período de tratamento, como no caso da cura à distância na pessoa de um moço de 18 anos, afetado de epilepsia, que demorou dois meses. Mas, em compensação, uma mulher que

sofria de artrite reumática foi curada imediatamente. Estava paralítica há muitos anos e por isso as suas costas rígidas tornavam os movimentos quase impossíveis. Depois do primeiro tratamento a distância pôde sair do leito e fazer todo o seu trabalho doméstico!

— Agora já não necessita mais de usar o seu espartilho especial — disse-lhe o médium.

Nervosamente a mulher discordou, mas Nicholas tinha sido inspirado a dar-lhe esta ordem e se ela a não cumprisse voluntariamente outro médium teria de procurar-se para êsse fim.

A providência justifica-se

Uns dias mais tarde a mulher subiu a uma mesa resvalou e ela caiu, agarrada à lâmpada.

Quando se levantou descobriu que o corpete se desapertara, aparentemente por si próprio, rasgado de alto a baixo e justamente no sítio em que tinha sido reforçado com pano. Ainda que o acidente lhe causasse uma pequena ferida, o seu primeiro pensamento foi dirigir-se logo ao curador para lhe confirmar a prova da sua providência.

Esta mulher, paralítica em consequência de uma operação cirúrgica na espinha e deformada pela artrite, é «um caso maravilhoso de cura à distância no espaço de 24 horas» — diz o nosso correspondente. E o resultado foi um sono prolongado e o término das dores que a atormentavam, apesar das injeções de morfina administradas por conselho médico.

Quase tão dramática foi a cura espontânea de outra mulher que sofria de diabetes e a tal ponto que cegara. Pois só com um tratamento à distância curou-se completamente.

Um rapaz de 12 anos que padecia de hemofilia (tendência anormal para a hemorragia) ouviu falar de Nicholas. Após uma hospitalização de meses e de várias transfusões de sangue pediu à sua mãe que procurasse o médium, a fim de lhe pedir um tratamento à distância. E êste foi tão eficiente, que o

médico deu alta ao rapaz para regressar a casa.

Quando chegou a altura da nova transfusão de sangue levaram-no de novo ao hospital. Embora já estivesse melhor, o médico insistiu por mais uma transfusão, mas o doente recusou-a, dizendo que não necessitava de mais tratamento. Queria ser tratado por Nicholas.

Um doente psíquico ?

Em vão as autoridades hospitalares tentaram demovê-lo da sua opinião, tanto mais que o dador de sangue estava à espera no hospital. Em vista da obstinada recusa do rapaz, mandaram-no para casa. Dois meses depois soube-se que o dador de sangue era canceroso !

O nosso correspondente grego Aziza Ko-Koni inclui na lista das doenças incuráveis tratadas vitoriosamente pelo curador alguns casos de fígado, coração, intestino e afecções da espinha, tumores e formações faciais.

A cura não se limita aos humanos e Nicholas recorda vivamente um acontecimento ocorrido há 25 anos: Uma galinha estava a morrer e quando a viu, ela quase exalava o último suspiro. Nicholas levantou então automaticamente os braços e ergueu os olhos ao Alto, como num apêlo. Baixou depois as mãos sobre a galinha—e a cura ficou provada, porque ela se levantou e começou a comer !

(De «*Two Worlds*»)



A MATERIALIZAÇÃO DE UM SACERDOTE

De «*Reformador*»

Jean Barbier publica em «*La Revue Spirite*» (Setembro-Outubro, 59) a interessante manifestação visível do Espírito de um sacerdote, narrada no livro «*Aux Glaces Polaires*», do Rev. P. Dusauchois (Ed. Spès, Paris).

«Em 5 de Novembro de 1870, na capela de uma missão dos Oblatos de Santa Maria Imaculada, nas proximidades do lago Caribou, no Estado canadense de Athabasca, o Padre Gasté ce-

lebrava, assistido pelo Irmão coadjutor Guillet, a missa anual pelo repouso das almas dos defuntos da congregação.

Após ter vestido os paramentos litúrgicos, êle se dirige para o altar. Neste instante, os assistentes percebem a alguns pés do altar, acima da credência, nuvens de fumaça, através das quais se desenha uma figura humana e escura. Os traços denunciavam sofrimento. Sobre o peito traz a cruz dos oblatos, e, sobre o colo da sotaina, um pequeno adorno de pérolas brancas, à imitação do colo romano. Sòmente o Padre Gasté e o Irmão Guillet nada percebem.

A figura torna-se branca e radiante na elevação da eucaristia. Em torno da cabeça, um nimbo luminoso faz brilhar as nuvens circundantes. A visão segue todos os movimentos do sacerdote no altar.

Durante a absolvição, ela se volta para o catafalco, de frente para os assistentes, e, após a prece final, desaparece lentamente e com graça, deixando nos espectadores a impressão de uma alma grandemente reconfortada e feliz.

Todos se apressam em fazer mil perguntas ao Padre Gasté, que de nada suspeitava. O Padre abre um inquérito. Os assistentes afirmam a veracidade de suas descrições. Interrogados separadamente, suas asserções concordam perfeitamente, sem deixar dúvida alguma.

A fisionomia, os traços, o colar de pérolas, tais como foram descritos pelas testemunhas, tudo indicava tratar-se do Padre Mestre, antigo mestre dos noviços em São Bonifácio, no noroeste canadense. Fôra sob a sua direção que o Padre Gasté fêz o noviciado, mas êste ignorava estivesse êle morto.

Qual não foi a emoção do Padre Gasté quando o correio de Fevereiro de 1871 lhe trouxe a notícia do falecimento do Padre Mestre, ocorrido em Paris, no mês de Abril de 1870 !»

Trata-se, como se vê, de um fenómeno de materialização, descrito à maneira católica, com nuvens e nimbos, sendo até admissível tenham sido médiuns principais o oficiante e seu coadjutor.



Espiritismo no Brasil

Primeira Exposição do Livro Espírita em São Carlos



Vista parcial das Estantes da Exposição do Livro Espírita

Inaugurou-se dia 15 de Abril último, à rua Major J. Ignácio, edifício do antigo Cine São Paulo, a primeira exposição do Livro Espírita de São Carlos.

A comissão organizadora dêsse certame era composta dos srs.: Haymar Halli — Presidente; Dr. Antonio de Almeida Filho — Vice-Presidente; Antonio Rondon — Secretário; Paulo Doria — Tesoureiro e Dr. João Stella, Diretor de Propaganda.

Nas diversas estantes da exposição foram exibidas obras raras abrangendo os mais variados ramos do conhecimento humano.

Charles Richet, Camille Flammarion, Gabriel Delanne, Cesar Lombroso, Sir William Barret foram alguns dos livros em exposição, além de contar com variadíssima literatura mediúnica sobressaindo-se as obras recebidas pela psicografia de Chico Xavier.

Além dos mil exemplares expostos, manteve a Exposição uma secção de venda e divulgação do livro.

I CONGRESSO DE CEGOS ESPÍRITAS DO BRASIL

Da Comissão Organizadora, recebemos convite para participarmos do I Congresso de Cegos Espíritos do Brasil, sob os auspícios da Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille e do Grêmio Espírita «Estrêla de Belém», Congresso êsse que realizar-se-á a 18 de abril de 1962.

Referido Congresso tem por objetivo, entre outros, o de promover a con-

fraternização de cegos espíritos bem como estabelecer as condições necessárias a entendimentos sôbre questões básicas da Doutrina e à formulação de outras que relacionem o cego e a Doutrina Espírita.

Conjuntamente ao convite, recebemos uma cópia do seu Regimento e demais prospectos, pelos quais podemos avaliar a magnitude do certame em causa — o primeiro no Brasil e no mundo, — o que resultará por certo, num dos mais eficientes e gloriosos movimentos

espíritas do Brasil— a Pátria do Evangelho.

Lamentamos sinceramente, por absoluta falta de espaço em nossa revista, não podermos dar divulgação do Regimento dêsse grande empreendimento.

«A Sociedade Pró Livro Espírita em Braille é destinada a propiciar aos cegos EM TODO O PAÍS o estudo pessoal da DOCTRINA ESPÍRITA em suas próprias fontes» (Art. 1.º dos ESTATUTOS).

Tôda correspondência deverá ser enviada à SPLEB, no seu novo endereço: rua 7 de Setembro, 223/401, RIO—G B.

— Gratos pelo convite, desde já formulamos sinceros votos para o feliz êxito do referido Congresso.

EM SÃO LOURENÇO

Foi levada a efeito nessa cidade, nos dias 29 e 30 de abril e 1.º de maio últimos, a 3.ª Concentração Regional Espírita do Sul de Minas, sediado em Varginha e sob os auspícios da União Espírita Mineira.

Foi desenvolvido um bem elaborado programa de referida Concentração, tendo pronunciado conferências os conhecidos e apreciados tribunos espíritas, Deolindo Amorim e Divaldo Pereira Franco.

A Comissão promotora estava constituída pelos senhores Nelson Evaristo Alves, Antonio Modesto Negreiros, Dario Jordão e José Roque de Abreu, de S. Lourenço; Argemiro Martins Corrêa e Omar Felix, de Cambuquira; Artur Lima e Paulo Costa e Silva, de Varginha; Gil Teixeira, de Lavras; Tufy Matuk, de Caxambu e Morbelo Vendram, de Três Corações.

— Gratos pelo convite.

CONSELHO FEDERATIVO NACIONAL

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da ATA da reunião mensal ordinária, realizada em 1 de Abril de 1961

Às catorze horas, com a presença de número regulamentar de Conselheiros, o Presidente do Conselho profere a prece inicial e declara abertos os traba-

lhos. Empossando o novo representante da Federação Espírita Piauiense, o confrade Dr. Sylvio Brito Soares, o Presidente faz um resumo da vida espiritista dêsse companheiro, evidenciando o seu grande amor à causa da Unificação, desde antes do inesquecível dia 5 de Outubro de 1949. Apresentou, em seguida, ao Conselho, uma coleção dos primeiros cinco anos de existência de «Reformador», inteiramente restaurada com celulose pura e preparada de forma a conservar-se por quatro a cinco séculos. Também apresentou uma excelente revista japonesa, em cujas páginas 75 a 81 se encontra um resumo biográfico da vida de Allan Kardec, de autoria de Herminio de Miranda, e ilustrada com um clichê fornecido pela FEB. A Ata anterior é lida ao Conselho e aprovada.

Minas Gerais—O representante da U.E.M., Conselheiro Dr. Miranda Ludolf, comunica a realização, em São Lourenço, de 29 de Abril a 1 de Maio dêste ano, da III Concentração Regional Espírita do Sul de Minas, a todos convidando para essa realização.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão anuncia a realização da Segunda Exposição de desenho, pintura e artes gráficas e a deliberação da USE de comemorar, em Outubro dêste ano, de 3 a 9, o aniversário do «AUTO DE FÉ DE BARCELONA». Propõe que se elabore uma circular, com referência às atividades da unificação da Doutrina, para ser enviada às Entidades de âmbito estadual. A solicitação é aprovada unanimemente.

Piauí — O Conselheiro Sylvio Brito Soares agradece sua escolha para o Conselho e as atenções que acabava de receber.

Rio Grande do Norte—Por comunicação do representante Conselheiro Ismael Gomes Braga, tomou o Conselho conhecimento da organização do Primeiro Congresso dos Cegos Espíritas, a realizar-se no Rio de Janeiro, G B, em Abril de 1962. O Conselho, dando entusiástico apôio à iniciativa, deliberou recomendar às Entidades Espíritas a Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille—(S.P.L.E.B.), cujo endereço é à rua dos Araujos, 28, Tijuca—Rio de Janeiro, G B.

Às dezesseis horas, feita pelo representante do Amazonas a prece final, encerrou o Presidente a reunião.

Vida e Atos dos Apóstolos

Livro de 296 páginas, é um trabalho de exclusiva orientação espírita, que salienta os estupendos fenômenos verificados no início do Cristianismo, ou fatos anímicos e espíritas, que constituem testemunho vivo da imortalidade, o fundamento racional do Cristianismo.

O autor desta obra, é o mesmo de «Parábolas e Ensinos de Jesus», e de «O Espírito do Cristianismo», complemento daquela, e, ainda, de «Interpretação Sintética do Apocalipse», — Cairbar Schutel.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 170,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Cartas a Esmo

Entre as numerosas produções, deixadas por Cairbar Schutel, se encontra êsse precioso livrinho, já em 4.^a edição, de 1956, contendo resposta a D. Joaquim Domingues de Oliveira, Bispo de Florianópolis, seguida do Discurso do Bispo Strossmayer, pronunciado no Concílio de 1870 contra a infalibilidade do Papa.

Recomenda-se a sua leitura pelo valor das cartas esclarecedoras que encerra e do notável Discurso do Bispo Strossmayer, obra rara, e sempre da mais palpitante atualidade.

À venda na Livraria «O Clarim».

Preço : Cr. \$ 30,00, e mais Cr. \$ 6,00 para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

Histeria e Fenômenos Psíquicos

Acaba de sair do prelo a nova edição do livrinho de Cairbar Schutel intitulado «Histeria e Fenômenos Psíquicos», há tanto tempo esperada, pois essa pequena obra tem sido sempre muito procurada.

Esta nova edição, que é a 4.^a, foi impressa em tipo 12, maior do que o das anteriores, o que facilita a leitura. Além disso, todo o livro foi confeccionado com maior cuidado, tudo contribuindo para boa apresentação dêsse antigo trabalho de Cairbar Schutel, cujo valor intrínseco é o de uma obra de síntese e de lógica sôbre a tese de seu título e das curas espíritas.

À venda na Livraria de «O Clarim» ao preço de cr\$ 35,00 e mais cr\$ 6,00 para o porte e registro.

Obras mediúnicas recebidas pelo
médiu Francisco C. Xavier

Brasil, Coração do Mundo

Evolução em dois mundos

Caminho, Verdade e Vida

Parnaso de Além-Túmulo

Instruções Psicofônicas

Cartas de uma morta

A Caminho da Luz

Pensamento e Vida

Novas Mensagens

Contos e Apólogos

Almas em desfíle

Pontos e Contos

Perolas do Além

Falando à Terra

Os Mensageiros

Gotas de Luz

O Consolador

Luz Acima

Fonte Viva

Ave Cristo

Emanuel

Voltei

Roteiro

Renúncia

Pai Nosso

Boa Nova

Nosso Lar

Libertação

Jesus no Lar

Agenda Cristã

Vinha de Luz

Ação e Reação

50 Anos Depois

Lázaro Redivivo

Há dois mil anos

Paulo e Estevam

No Mundo Maior.

Missionários da Luz

Cartilha da Natureza

Vozes do Grande Além

Entre a Terra e o Céu

Obreiros da Vida Eterna

Crônicas de Além-Túmulo

Nos Domínios da Mediunidade

A VENDA NA LIVRARIA «O CLARIM»

Caixa Postal, 11 — MATÃO — E. S. Paulo

Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor Redator: A. Watson Campêlo

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornais de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua *Crônica Estrangeira*, deixa os leitores ao par de todos os fatos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acôrdo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

Ano — Assinatura simples Cr.\$150,00

Semestre — „ „ 80,00

NÚMERO AVULSO CR.\$ 15,00

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: Rio de Janeiro

e na LIVRARIA BATUIRA

Rua Bitencourt Rodrigues, 37 — SÃO PAULO

